

Agência no reventar das ondas

Olho o mar à minha frente. As ondas rebentam, vão e vêm, como num ciclo de vida. É esta a imagem que emerge quando penso na flexibilização curricular a ser implementada no próximo ano letivo. Estamos em 2017, e já desde longa data que se encontra na ordem do dia a urgência em flexibilizar o currículo, em geri-lo de modo a incorporar a vivência de experiências de aprendizagem significativas pelos nossos alunos. Como é possível ignorar a multiplicidade de realidades existentes nas escolas? Constatos essa multiplicidade nas salas de aula de Matemática quando vou fazer observações das práticas dos estagiários. Constatos a existência de uma multiculturalidade que não pode ser equacionada como limitação ou constrangimento à gestão curricular. Essa multiculturalidade pode e deve ser uma mais-valia. Só o será, contudo, se o tecido vivo da massa humana com quem trabalhamos tiver espaço para respirar, para afirmar a sua voz, para ouvir e ser ouvido. Ou seja, se essa massa humana não for olhada como massa incógnita, uniforme ou informe, mas sim como um todo coletivo construído pelas interações entre os seus elementos específicos. E tal não se compadece com um currículo rígido que acentua as assimetrias sociais, ao ser concebido como um fato de tamanho único e uniforme, no qual não cabe a maioria das singularidades reais das nossas turmas. Já quase há duas décadas, o Decreto-Lei n.º 6/2001 consignava a gestão flexível do currículo do Ensino Básico. Revisito as palavras de Paulo Abrantes, em 2000, no n.º 59 da *Educação & Matemática*, quando ele colocava a diversidade e o “conjunto de aprendizagens consideradas necessárias e que os alunos devem fazer” como sendo indissociáveis da noção de currículo, reforçando a importância do desenvolvimento de novas práticas curriculares e da autonomia das escolas. Assim, é este um discurso velho e gasto, ou mantém-se atual, pertinente, e a apontar para o futuro? O atual Ministério da Educação está apostado em lançar o projeto da flexibilização curricular, em modelo de projeto-piloto, nas escolas que se candidataram. As ondas do mar vão e vêm. Continuamos nós no mesmo ponto? Direi que não. Tal como as ondas constroem e reconstróem novas formas, talham novos perfis, confrontamo-nos hoje, nas nossas escolas, com desafios ainda mais complexos. No entanto, o sistema educativo não tem almejado a consecução da sua adequação a esses desafios. Daí que a flexibilização curricular ainda se mantenha, nos

dias atuais, na esfera do ideal, e simultaneamente como algo inadiável, indispensável no garante de uma maior equidade social, e direi mesmo, inevitável.

Sendo a necessidade e a intencionalidade características essenciais de currículo, persistem interrogações, inquietações: no século XXI, que educação matemática temos? será que ela satisfaz a necessidade e a intencionalidade atuais? será que se constitui como um fator de coesão social? que educação matemática queremos? o que significa flexibilizar o currículo? o que são aprendizagens essenciais em Matemática?

Integrei, este ano, o grupo da APM responsável pela elaboração do documento *Aprendizagens matemáticas essenciais*. Durante o processo de elaboração da nossa proposta, este foi o ponto central da discussão entre nós: o que podemos considerar como sendo essencial? Considerámos importante associar aos objetivos essenciais de aprendizagem, as práticas essenciais de aprendizagem para enfatizar a importância de serem criadas as condições de aprendizagem que facultem aos alunos a oportunidade de vivenciar experiências que concorrem para a consecução de objetivos de aprendizagem centrados em processos matemáticos fundamentais, como a resolução de problemas e o raciocínio e a comunicação matemáticos. Essas condições passam pelo empoderamento dos alunos enquanto participantes da sua própria aprendizagem e com ela comprometidos. Subjaz a este trabalho uma esperança renovada. Mas também uma esperança contida pois temos consciência da incongruência entre o documento produzido e os programas de Matemática atualmente em vigor, concebidos numa lógica elitista, e consubstanciados numa lista excessiva de conteúdos, apresentados como tendo igual importância e obrigatoriedade de tratamento. A flexibilização curricular exige políticas educativas arrojadas, capazes de substituir programas sentidos como espartilhos por outros consentâneos com as orientações internacionais e com o documento *Perfil dos alunos à saída da Escolaridade Obrigatória*. Exige também dos professores tomadas de decisão em contexto de um trabalho colaborativo. Exige agência. Uma agência assumida, por professores e alunos, na sua plenitude de risco, de autoria da história que se constrói no presente, e da mudança. Porque, pelos imperativos éticos da nossa condição humana, somos transformadores da realidade, agentes da história do percurso continuamente trilhado e partilhado.

PRINCÍPIOS ORIENTADORES PARA A MATEMÁTICA ESCOLAR

Ensino e Aprendizagem.

Acesso e Equidade.

Currículo.

Ferramentas e Tecnologia.

Avaliação.

Profissionalismo.

PRÁTICAS DO ENSINO DA MATEMÁTICA

Estabelecer metas matemáticas para enfatizar a aprendizagem

Propor tarefas que promovam o raciocínio e a resolução de problemas

Usar e relacionar representações matemáticas

Favorecer um discurso matemático significativo

Colocar questões pertinentes

Chegar à fluência procedimental a partir da compreensão conceptual

Apoiar um esforço consequente na aprendizagem da matemática

Obter e utilizar evidência do pensamento dos alunos.



Preço de capa: €18,00

Preço de sócio: €15,00

PREÇOS ESPECIAIS PARA FORMAÇÃO

Inclua no material para os seus formandos esta importante obra;

para grandes encomendas temos preços especiais:

A partir de 25 exemplares até 49 exemplares:	preço unitário 10,00€
A partir de 50 exemplares até 99 exemplares:	preço unitário 7,00€
A partir de 100 exemplares:	preço unitário 6,00€



217163690; encomenda@apm.pt